

### Catálogo recomendada

#### LITERATURA PARA A INFÂNCIA

Literatura para a infância : infância na literatura / org. de Gabriela Fragozo ; colab. de Maria Teresa Cortez. – Lisboa : Universidade Católica Editora, 2013. – 288 p. ; 23 cm  
(Estudos de comunicação e cultura. Translating Europe across the ages)

ISBN 978-972-54-0378-5

I – FRAGOSO, Gabriela, org. II – CORTEZ, Maria Teresa, colab.

CDU 087.5  
82-053.6

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito dos projetos PEst-OE/ELT/UI0126/2011 e PEit-OE/FIL/UI0310/2011

**Edição:** Universidade Católica Editora, Unipessoal, Lda.

**Colaboração e revisão científica:** Maria Teresa Cortez

**Revisão editorial:** Helena Romão

**Capa:** OMLET design

**Composição:** acentográfico

**Impressão e acabamento:** Publidisa

**Data:** janeiro 2013

**Depósito Legal:** 356 764/13

**ISBN:** 978-972-54-0378-5

#### Universidade Católica Editora

Palma de Cima – 1649-023 Lisboa

tel. (351) 217 214 020 fax (351) 217 214 029

uce@uceditora.ucp.pt www.uceditora.ucp.pt

**Imagem da Capa:** Teresa Balté, *Sem título*, 1987.

Aquarela e tinta-da-china (37x45cm)

## Índice

Introdução	9
I. Estudos	
Pluralismo e identidade na literatura infantil <i>Fernando Azevedo</i>	11
A contribuição dos irmãos Grimm para os estudos folclóricos e a literatura infantil no Brasil: os exemplos de Monteiro Lobato, Sílvia Romero e Luis da Câmara Cascudo <i>Lara Brück-Pamplona</i>	19
Um conto perdido de Fialho de Almeida: <i>A chinelinha d'ouro</i> <i>Maria Teresa Cortez</i>	31
Estrangeiros e portuguesesinhos, identidades e patriotismos na literatura para crianças dos anos 30 e 40 – a exemplo de Virginia de Castro e Almeida e de Fernanda de Castro <i>Maria Teresa Cortez</i>	43
A tradução da literatura juvenil: uma componente imprescindível do diálogo intercultural <i>Maria Amélia Cruz</i>	56
Infância e escrita em dois contos de Irene Lisboa e Raduan Nassar <i>Ana Maria Delgado</i>	63
“Um país chamado infância” – os mundos fantásticos dos heróis adolescentes nas obras de Moacyr Scliar <i>Marlen Eckl</i>	74
Reflexões sobre a poética da <i>fantasy</i> <i>Hans-Heino Ewers</i>	86
Aquilino vs. Goethe – histórias de raposas <i>Gabriela Fragozo</i>	97
Cenários de catástrofe em contexto intergeracional na obra de Gudrun Pausewang <i>Gabriela Fragozo</i>	104
Gaitinhas, Gineto e C.: o microcosmo infanto-juvenil em <i>Esteiros</i> (1941) de Soeiro Pereira Gomes <i>Gabriela Fragozo</i>	116

'I will play with you at any game you like, if you will teach me': Christina Rossetti, Maria Amália Vaz de Carvalho, e as crianças que (não) sabem brincar <i>Ana Rosa Nobre Gonçalves</i>	124
'Nasceram árvores no meio do mar?': confluências da infância e da idade adulta em <i>Constantino</i> , <i>Guardador de Vacas</i> e <i>de Sonhos</i> , de Alves Redol <i>Ana Rosa Nobre Gonçalves</i>	131
A utopia real: representações de identidade e infância em obras de Jorge Amado <i>Volker Jaeckel</i>	138
Em busca do paraíso perdido: de <i>A Árvore</i> de Sophia às árvores de José Jorge Letria e João Paulo Cotrim <i>Carlos Nogueira</i>	146
Natureza e sociedade nos <i>Contos da Mata dos Medos</i> , de Álvaro Magalhães <i>Carlos Nogueira</i>	157
Criança prodígio: a infância em textos e projetos culturais de Mário de Andrade <i>Rosângela Asche de Paula</i>	165
<i>Estas crianças aqui</i> - infâncias <i>desabrigadas</i> em espaços portugueses e brasileiros. A obra de Maria Rosa Colaço e de José Mauro de Vasconcelos <i>Maria da Natividade Pires</i>	177
Os 'dias do fim' de uma infância angolana em <i>Bom dia camaradas</i> , de Ondjaki <i>Ana Ribeiro</i>	191
Fábulas; Lessing, Portugal: XVIII, XIX, XXI <i>Fernando Ribeiro</i>	201
Da cultura tradicional aos textos contemporâneos - as crianças em contexto literário angolano <i>Orquidea Ribeiro</i>	214
Retratos em preto e branco: a infância em crônicas de Rachel de Queiroz (1910-2003) <i>Keila Vieira de Sousa</i>	224
LIJ alemana traducida a la lengua vasca: un estudio descriptivo <i>Naroa Zubillaga</i>	230

## II. Ensaaios

Conta outra vez - o carácter eterno dos contos tradicionais e a sua vocação na literatura infantil <i>Rosário Alçada Araújo</i>	236
Entre clarões e chuva, fadas, bruxas vivem... Escrever para crianças é um exercício trágico com um final feliz? <i>Gilda Nunes Barata</i>	242
"A Gata Borralheira" de Sophia de Mello Breyner Andresen ou a luz exacta, verdadeira, devassada pelo triunfo do cálculo - uma leitura à luz de 'Ética e Infinito', de Levinas <i>Gilda Nunes Barata</i>	247
Cecília Meireles: dádiva e inocência. A utopia do amor <i>Gilda Nunes Barata</i>	254
<i>A Princesa da Chuva</i> , de Luísa Ducla Soares: um contar apoiado no corpo <i>Leticia Liesenfeld</i>	260
dessas infâncias: nossas; dos outros... <i>Ondjaki</i>	263
Quarenta anos a escrever para crianças <i>Luísa Ducla Soares</i>	265
'Era um suspiro' seguido do ensaio evocativo 'Uma escritora sob céus estranhos' <i>António Torrado</i>	272

## III. Os autores

277

Macedo, Tânia (2007), "Monandengues, pioneiros e catorzinhas: crianças de Angola", in: Chaves, Rita / Macedo, Tânia / Vecchia, Rejane (org.), *A kinda e a misanga. Encontros brasileiros com a literatura angolana*, S. Paulo, Cultura Acadêmica/Angola, Nzila, 357-373.

Ondjaki (?2007), *Bom dia camaradas*, Lisboa, Caminho.

"Ondjaki - novo livro + entrevista", disponível em <http://ricardoriso.blogspot.com/2008/05/ondjaki-novo-livro-entrevista.html>, consultado em 31/08/2011.

Ribeiro, Ana (2010), "Infância no pós-independência angolano" em *Avó Dezanove e o segredo do soviético*, in: *Diacrítica*, n.º 24/3, 265-277.

— (2005), *Aprender com as mulheres: presenças do feminino no romance de aprendizagem português do século XX* (Texto policopiado), Braga, Universidade do Minho.

Ruivo, Marina (2007), "Pelos olhos do menino, a camaradagem e os sinais das mudanças na Angola do pós-independência", in: Chaves, Rita / Macedo, Tânia / Vecchia, Rejane (org.), *A kinda e a misanga. Encontros brasileiros com a literatura angolana*, S. Paulo, Cultura Acadêmica/Angola, Nzila, 293-301.

Sammons, Jeffrey L. (1981), "The mystery of the missing Bildungsroman, or: What happened to Wilhelm Meister's legacy", in: *Genre*, XIV, Summer 1981, 229-246.

[http://www.angoladigital.net/artecultura/index.php?option=com\\_content&task=view&id=871&Itemid=39](http://www.angoladigital.net/artecultura/index.php?option=com_content&task=view&id=871&Itemid=39), consultado em 26/08/2011.

[http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=12046](http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=12046), consultado em 05/08/2011.

<http://www.conversacomricardopinto.blogspot.com/2010/07/ondjaki-analise-do-romance-bom-dia.html>, consultado em 05/09/11.

<http://www.cult.ufba.br/enecult/2008/14589.pdf>, consultado em 05/08/2011.

<http://www.guiadeleitura.com/2010/09/ondjaki-e-a-poesia-da-infancia.html>, consultado em 31/08/2011.

<http://ricardoriso.blogspot.com/2008/05/ondjaki-novo-livro-entrevista.html>, consultado em 05/08/2011.

<http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/10079>, consultado em 05/08/2011.

<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1569941-EI6595,00.html>.

<http://www.ueangola.com/index.php/entrevistas/item/365-hei-de-escrever-enquanto-fizer-sentido.htm/>, consultado em 25/08/2011.

## Fábulas; Lessing, Portugal: XVIII, XIX, XXI

FERNANDO RIBEIRO

### I.

Em 1821, Garrett (1799-1854) confessa estar a imitar "(...) uma composição alemã do século passado (...)", não se recordando porém do respectivo autor (Garrett, 1963 I: 1708).

Em 1853, "O Menino e a Cobra" surge em quinto lugar no seio da pequena coletânea de nove poemas intitulada *Fábulas e Contos* inserta na 2.ª edição de *Folhas Caídas* (Monteiro, 1999: 141).

O autor alemão chama-se Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781), criador da fábula imitada e intitulada *Der Knabe und die Schlange* - a terceira em trinta constantes do II Livro, centro de obra triptíca publicada em 1759 pelo editor C.F.Voß em Berlim e intitulada *Fabeln. Drei Bücher. Nebst Abhandlungen mit dieser Dichtungsart verwandten Inhalts*. [*Fábulas. Três Livros. Acrescidos de Tratados de Conteúdo Aparentado com esta Espécie Literária*]

Igualmente em 1853, a Imprensa de Francisco Xavier de Souza em Lisboa publica *Fábulas de G.E. Lessing*, traduzidas do alemão pelo «Médico e Cirurgião pela Eschola de Lisboa Professor de Geographia, Chronologia e História no Lyceo Nacional da Mesma Cidade, etc.» (Pereira, 1853: Frontispício) de nome João Félix Pereira (1822-1891).

Lessing, escolhido, porque "De todos os escritores de seo tempo nenhum fez tantos serviços á litteratura alleman." (Pereira, 1853:11), para quem - assim na "biographia" introduzindo as traduções - "Shakespeare (...) tinha em sua [de Lessing] opinião o mérito dramático dos gregos." (1853:14-15) e cujo estudo e discussão deste mérito fizeram "A Dramaturgia, Emilia Galloti, o Laocoon e Nathan pertence[r]em certamente ao número dos modelos que mais contribuíram para dar á lingua alleman a precisão, de que se julgava insusceptível." (1853: 15), tornando Lessing "(...) para a sua epocha, como Luther para a sua o verdadeiro modelo clássico." (*Idem, ibidem*)

Nesta "Biographia de Lessing" (Pereira, 1853:11-16) atesta-se o valor de criador de noventa fábulas em prosa traduzidas na íntegra e publicadas em edição bilingue.

Cerca de trinta anos mais tarde, 1880, a Typographia Ocidental do Porto publica a 1.ª edição (Pereira, 2007:187), vindo a segunda - a agora utilizada -, a ser publicada em Lisboa, 1883, pela Livraria Ferreira; revista e muito aumentada intitula-se "Fábulas escolhidas de entre as de Lessing traduzidas litteralmente em prosa e imitadas em verso por Henrique O'Neill" (1821-1889). Nesta obra, em "Breve Noticia Acerca de Lessing e das suas obras" reconhece-se o autor germânico como o "fundador do theatro allemão que exerceu uma poderosa influência sobre o gosto litterário dos seus contemporâneos" (O'Neill, 1883:XII), através de "(...) *Fábulas*, nas quaes, se não pôde competir em graça e ingenuidade com o bom do La Fontaine, fica-lhe incontestavelmente superior como philosopho e moralista." (*Idem, ibidem*). Nesta edição, H. O'Neill seleccionou e traduziu 23, 21e 25 respectivamente do I, II e III Livros contendo trinta fábulas cada e constituindo parte de colectânea de Lessing. O'Neill inova contudo, tal como Garrett, ao fazer acompanhar as referidas traduções em prosa de adaptações em verso na segunda parte do volume, observando assim metro e rima, porque "Persuadido de que este meu



trabalho poderia ser útil como livro de primeira leitura e a sua parte em prosa como texto de temas para latim, francês e inglês, solicitei a sua aprovação da Junta Consultiva de Instrução Pública." (O'Neill, 1883:V)

Em 2001, Planeta Editora, também de Lisboa, publica *Fábulas* de G. E. Lessing – vertidas para português por Fernando Ribeiro, igualmente autor de prefácio, introdução, notas e nota biobibliográfica –, chamando assim à colação a modernidade de Lessing, para quem "(...) o criador literário reproduz e cria a essência do real, organizando-o de modo assaz sábio, a ponto de, aos olhos do leitor, o fazer surgir ainda mais real (...)" (Ribeiro, 2001:42)

## II.

Em 1668, La Fontaine publica o seu *Premier Recueil de Fables Choies Mises en Vers*, o qual B. Nickisch traduz sob o título *Herrn de La Fontaine ins Deutsch übersetzt*.<sup>1</sup> À fábula apreciada durante a *Aufklärung*, não ficou Lessing indiferente, ao traduzir, no ano 1757, de S. Richardson *Aesop's Fables with Reflexions instructive Morals* (Lessing, 1973 V: 891) – *Herrn Samuel Richardson's, Verfasser der Pamela, der Clarissa und des Grandison's Sittenlehre für die Jugend in die auserlesenen Aesopischen Fabeln mit dienlichen Betrachtungen zur Beförderung der Religion und der allgemeinen Menschenlehre vorgestellt* ["O Sr. Samuel Richardson, autor de Pamela, de Clarisse e da Doutrina Moral de Grandison para a mocidade representado pelas mais seleccionadas Fábulas de Esopo acompanhadas de úteis Reflexões para promover a Religião e a Doutrina Universal do Homem"] – e publicar, em 1759, as suas *Fabeln*, acompanhadas de prefácio e de (cinco tratados) *Abhandlungen mit dieser Dichtung sart verwandten Inhalts*.

Ao contrário dos seus contemporâneos, Lessing teoriza na *Vorrede* [Prefácio] acerca da autonomia face à praxis e teoria literárias francesas destacando o valor da fábula, sobretudo na Antiguidade Clássica<sup>2</sup> como forma literária adequada às *instrução e edificação* do cidadão em formação, enquanto estímulo sobre a *vontade*, as capacidades cognitivas e o fomento do conhecimento através do "exemplo" com sentido "prático-imediato" (*anschauende*) favorecido pela prosa, na qual a língua era trabalhada com "exactidão" (*Präzision*), "concisão" (*Kürze*) e "vivacidade" (*Lebhaftigkeit*).<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Em 1713, na cidade de Augsburg/Augsburgo foi publicada *Herrn de La Fontaine ins Deutsch übersetzt* [O Sr. de La Fontaine traduzido para Alemão] a primeira tradução da obra de La Fontaine; em 1742, publicou-se revista moral dedicada à fábula na cidade de Königsberg/Conisberga – intitulada *Der Deutsche Äsop* – [O Esopo Alemão]; constata-se assim o contributo decisivo da influência desta espécie literária sobre escritores como o anacreontico Friedrich von Hagedorn (1708-1754) – *Versuch in poetischen Fabeln und Erzählungen* [Ensaio de Fábulas Poéticas e Contos] – (1738) ou C. F. Gellert (1715-1769) cujas *Fabeln und Erzählungen* – [Fábulas e Contos] (1746, 1748) Frederico, o Grande louva em *De la Littérature Allemande*; também Gleim (1719-1803) com *Lieder, Fabeln und Romanzen* [Canções Fábulas e Romanças] (1758) ilustrou o apreço pela fábula durante o Iluminismo Alemão (*Aufklärung*).

<sup>2</sup> Lessing, 1973 V:353: "Ich hatte die alten und neuen Fabulisten so ziemlich alle, und die besten von ihnen mehr als einmal gelesen. Ich hatte über die Theorie der Fabel nachgedacht. Ich hatte mich oft gewundert, daß die gerade auf die Wahrheit führende Bahn des Aesopus, von den Neuern, für die blumenreichern Abwege der schwatzhaften Gabe zu erzählen, so verlassen werde." – [“Havia lido número considerável de fabulistas antigos e modernos, quase todos e os melhores, mais que uma vez. Havia reflectido sobre a teoria da fábula. Fiquei bastantes vezes surpreendido quanto ao modo como o caminho recto de Esopo conducente à verdade era abandonado pelos modernos optando pelo desvio mais floreado do dote loquaz na narração.”]

<sup>3</sup> [Lessing, 1973 V: 353; 383; 407]: V: 353 – "Vorrede (...) Es gefiel mir auf diesem gemeinschaftlichen Raine der Poesie und Moral (...)" – Prefácio: (...) Agradava-me esta orla comum à poesia e à moral. (...); V: 383 – "I Abhandlung – Von dem Wesen der Fabel: Die Fabel erfordert deswegen einen wirklichen Fall, weil man in einem wirklichen Falle mehr Bewegungsgründe und deutlicher unterscheiden kann, als in einem möglichen; weil das Wirkliche eine lebhaftere Überzeugung mit sich führet, als das bloß Mögliche."

Lessing visa uma nova via para conciliar poesia e moral (Lessing, 1973 V: 353) sem descuidar o "poder persuasivo" inerente ao "caso peculiar" (*besonderer Fall*) e respectiva "verosimilhança intrínseca" (*innere Wahrscheinlichkeit*), os quais haveriam de contribuir para a transferência da tradicional mais-valia da moral para a poesia<sup>4</sup> (Lessing, 1973 V: 381-5): a fábula adequar-se-ia tanto mais à juventude quanto o seu valor heurístico se flectisse na prática efectiva de recriação da tradição (1973, V: 353, 416, 233), fazendo assim sobressair o carácter genial do leitor-destinatário.<sup>5</sup>

A fábula imita o real – como pratica o seu venerado Esopo – dando forma a um "caso peculiar" inventado a partir de uma "proposição-de-experiência" (*Erfahrungssatz*) e sempre em função de uma "proposição moral" (*Lehrsatz*) (Lessing 1973 V:378-9,385,376).<sup>6</sup>

– I Tratado: Da Natureza da Fábula – A fábula exige por isso um caso real, porque só num caso real é possível distinguir com mais clareza mais motivos para agir do que num caso plausível; por o real trazer consigo uma convicção mais animada que simplesmente plausível.; V: 407 – "IV Abhandlung Von dem Vortrage der Fabeln: (...) Diese Präzision und Kürze worin er [Aesopus] ein so großes Muster war, fanden die Alten der Natur der Fabel auch so angemessen, daß sie eine allgemeine Regel daraus machten. (...) – IV Tratado: Da Forma das Fábulas: (...) Esta exactidão e concisão, nas quais se constituia [Esopo] tão grande exemplo, eram também de tal modo tidas pelos antigos como deveras adequadas à natureza da fábula que delas deduziram uma regra universal. (...)"]

<sup>4</sup> [Lessing, 1973 V: 385]: "I Abh. – Von dem Wesen der Fabel – (...) Wenn wir einen allgemeinen moralischen Satz auf einen besonderen Fall zurückführen, diesem besondern Falle die Wirklichkeit erteilen, und eine Geschichte daraus dichten, in welcher man den allgemeinen Satz anschauend erkennt: so heißt diese Erdichtung eine Fabel." – "I Tratado: Da Natureza da Fábula (...) Sempre que remetemos uma proposição moral universal a um caso peculiar, lhe conferimos realidade e criamos uma história a partir daí, na qual se pode compreender a proposição universal de um modo prático-intuitivo, então designamos esta ficção por fábula."]

<sup>5</sup> [Lessing, 1973 V: 416]: "V Abh. – Von einem besondern Nutzen der Fabeln in den Schulen – Den Nutzen, den ich itzt mehr berühren als umständlich erörtern will, würde man den *heuristischen* Nutzen der Fabel nennen können. Warum fehlt es in allen Wissenschaften und Künsten so sehr an Erfindern und selbstdenkenden Köpfen? (...) Warum werden wir nicht besser erzogen? Gott gibt uns die Seele; aber das Genie müssen wir durch die Erziehung bekommen. [Ein Knabe] (...) den man lehret sich eben so leicht von dem Besondern zu dem Allgemeinen zu erheben, als von dem Allgemeinen zu dem Besondern sich wieder herab zu lassen: Der Knabe wird ein Genie werden oder man kann nichts in der Welt werden." – "V De uma Utilidade Peculiar das Fábulas nas Escolas – (...) A utilidade, poder-se-ia designar utilidade *heurística* da fábula, eis aquela que agora pretendo mais aflorar que discutir detalhadamente. Por que razão há, em todas as ciências e artes, tanta falta de criadores e cabeças pensantes? (...) Por que razão não seremos melhor educados? Deus dá-nos a alma; mas o génio, temos de o receber pela educação. [um rapaz] (...) que se ensina a elevar-se tão facilmente do particular para o geral quanto a descer novamente do geral para o particular: o rapaz *tornar-se-á* génio ou não poderá tornar-se coisa alguma no mundo. (...)"; V:233 – Briefe die neueste Literatur betreffend – IV Teil: 70.Brief ("... Er glaubt nämlich, daß die Erfindung der Fabel eine von den besten Übungen sei, durch die ein junges Genie gebildet werden könne. (...) so rät er [Lessing] vors erste die Fabeln mehr finden als erfinden zu lassen; (...) – Cartas relativas à Literatura Contemporânea IV Secção 70.\* Carta ("... Crê precisamente ser a invenção da fábula um dos melhores exercícios, através dos quais um jovem génio podia ser formado. (...) assim aconselha [Lessing] ser preferível mandar descobrir em vez de começar desde logo por inventar fábulas. (...)")]

<sup>6</sup> [1973 V: 378-9, 385,376] – 378-9: Abh. I – "Ich will nicht sagen, die moralische Lehre werde in der Fabel durch eine Handlung ausgedrückt, sondern ich will lieber ein Wort von einem weitem Umfange suchen und sagen, der allgemeine Satz werde durch die Fabel *auf einen einzeln Fall zurückgeführt*. Dieser einzelne Fall wird *allezeit* das sein, was ich oben unter dem Worte Handlung verstanden habe; (...) In der Fabel wird nicht eine jede Wahrheit, sondern ein allgemeiner moralischer Satz, *nicht unter die Allegorie einer Handlung*, sondern auf einen einzeln Fall, *nicht versteckt oder verkleidet*, sondern so zurückgeführt, daß ich nicht bloß einige Ähnlichkeiten mit dem moralischen Satze in ihm entdecke, sondern diesen ganz anschauend darin erkenne." – I – "Não pretendo afirmar ser a doutrina moral expressa na fábula através de uma acção; prefiro procurar e lançar termo de maior abrangência: a proposição universal *reportar-se-á* através da fábula a um caso singular. Este caso singular será *sempre* aquilo que anteriormente tomei pelo termo acção; (...) Na fábula não é uma qualquer verdade, antes uma proposição moral universal, *não sob alegoria de uma acção*, mas antes de tal modo remetida a um caso singular, *não escondido ou camuflado*, que nele não encontro somente



O leitor-fruidor recolhe o eco do conhecimento da verdade com moral de modo tanto mais vivo e autêntico (*lebhaft*) quanto o entendimento directo e imediato radicar em forma prático-intuitiva (*anschauende Erkenntnis*) de obtê-lo, edificando assim o leitor moderno e prospectivo (Lessing, 1973 V: 385,416-7).

A irrefutável presença da razão observadora e autónoma aproxima igualmente a sua arte literária de uma propedêutica ao conhecimento científico através de observação, análise directa dos factos, comprovação e valoração final, visando sempre os esclarecimento e aperfeiçoamento do Género Humano, pois também como poeta almejará recuperar a pessoa em tempos vista como máquina (Lessing, 1973 IV: 505).<sup>7</sup>

A liberdade de criação poética e de pensamento adentro da forma literária: fábula, fomenta-as Lessing recriando e inventando fábulas, a fim de superar a sua estreita funcionalidade adentro do estudo da retórica ou dos valores a incorporar na conduta social.<sup>8</sup> Concorre deste modo como fabulista e não como verzejador (Lessing, 1973 V: 411) – não pretendia ser instrumento de versificação (1973 V: 413),<sup>9</sup> mas de maioridade para a

algumas semelhanças com a proposição moral, como a entendo cabalmente de modo prático-intuitivo.”; 376: Abh. I – “Der Fabuliste hingegen hat mit unsern Leidenschaften nichts zu tun, sondern allein mit unserer Erkenntnis. Er will uns von irgend einer einzeln moralischen Wahrheit lebendig überzeugen. Das ist seine Absicht, und dieser sucht er, nach Maßgebung der Wahrheit, durch die sinnliche Vorstellung einer Handlung bald mit bald ohne Absichten, zu erhalten.” I – “O fabulista pelo contrário não tem nada com as nossas paixões, mas unicamente com o nosso entendimento. Pretende convencer-nos vivamente acerca de uma qualquer verdade moral singular. Tal é o seu designio; e este procura-o preservar conforme à verdade, através da representação sensorial de uma acção ora com ora sem intenções. (...)”]

<sup>7</sup> [1973 IV: 505 – *Hamburgische Dramaturgie* 59. Stück: “(...) Ich habe es lange schon geglaubt, daß der Hof der Ort eben nicht ist, wo ein Dichter die Natur studieren kann. Aber wenn Pomp und Etiquette aus Menschen Maschinen macht, so ist es das Werk des Dichters, aus diesen Maschinen wieder Menschen zu machen. (...)” – *Dramaturgie* de Hamburg 59.ª Secção: “(...) Acredito desde há muito não ser exactamente a corte o lugar, no qual um poeta pode estudar a natureza. Mas quando pompa e etiqueta fazem das pessoas máquinas, torna-se obra do poeta fazer destas máquinas novamente pessoas. (...)”]

<sup>8</sup> [1973 V: 409-411 – “409-10 IV Abh. (...) Die Erzählung der Fabel soll noch planer sein, sie soll zusammengepreßt, so viel als möglich ohne alle Zieraten und Figuren, mit der einzigen Deutlichkeit zufrieden sein. (...) Bei den Alten gehörte die Fabel zu dem Gebiete der Philosophie, und aus diesem holten sie die Lehrer der Redekunst in das ihrige herüber. Aristoteles hat nicht in seiner Dichtkunst, sondern in seiner Rhetorik davon gehandelt; auch bei den Neuern muß man das, was von der äsopischen Fabel wissen will, durchaus in Rhetoriken suchen. (...) bis auf die Zeiten des La Fontaine. Ihm gelang es die Fabel zu einem anmutigen poetischen Spielwerke zu machen; er bezauberte (...)” – “IV – (...) A narração na fábula deve ser ainda mais simples, deve ser condensada, tanto quanto possível sem todos aqueles ornamentos e figuras – contentar-se única e exclusivamente com a clareza. (...) Com os antigos, a fábula pertencia ao campo da filosofia, ao qual os mestres da retórica a iam buscar para o seu. Aristóteles não se ocupou dela na Poética, mas na Retórica; (...) nos modernos não se pode igualmente deixar de procurar nas retóricas aquilo que se pretende saber acerca da fábula de Esopo; (...) até aos tempos de La Fontaine. Este conseguiu fazer da fábula um jogo-de-engrenagens poético gracioso; encantava; 411 – “(...) Der Fabulist braucht Fuchs, um mit einer einzigen Silbe ein individuelles Bild eines witzigen Schalks zu entwerfen; und der Poet will lieber von dieser Bequemlichkeit nichts wissen, will ihr entsagen, ehe man die Gelegenheit nehmen soll, eine lustige Beschreibung von einem Dinge zu machen, dessen ganzer Vorzug hier eben dieser ist, daß es keine Beschreibung bedarf. Der Fabulist will in einer Fabel nur eine Moral zur Intuition bringen. (...)” – “(...) O fabulista precisa de *raposa* para gizar com um único monossílabo um quadro singular de um finório apurado; e o poeta prefere não querer saber de tal comodidade; pretende renunciar-lhe antes de alguém lhe tirar a oportunidade de fazer descrição agradável de algo cujo privilégio cabal é justamente o facto de não haver necessidade de qualquer descrição. Numa fábula, o fabulista pretende fazer intuir apenas uma moral. (...)”]

<sup>9</sup> [1973 V: 413 – Abh. IV – “(...) ich fühle mich zu unfähig, jene zierliche Kürze in Verse zu erreichen. La Fontaine, der eben das bei sich fühlte, schob die Schuld auf seine Sprache. Ich habe von der meinigen eine zu gute Meinung, und glaube überhaupt, daß ein Genie seiner angeboren Sprache, sie mag sein welche es will, eine Form erteilen kann, welche er will. Für ein Genie sind die Sprachen alle von einer Natur; und die Schuld ist also einzig und allein meine. Ich habe die Versifikation nie so in meiner Gewalt gehabt, daß ich auf keiner Weise besorgen dürfen das Silbenmaß und der Reim werde hie und da den Meister über mich spielen. (...)” – IV “(...) sinto-me demasiado incapaz de atingir aquela ornamentada concisão

humanidade. Torna assim inteligível a “lição” [*Die Erscheinung*] (Lessing, 1970 I: 231),<sup>10</sup> forjada a partir da massa oferecida pela tradição ao re-criador dos “gosto e beleza” fruídos em “nova escultura” a partir de antiga [*Die ehne Bildsäule*] (1970 I: 244),<sup>11</sup> enquanto arte-são dos “engenho” criador, “estilo” natural, “sentido filosófico” [*Die Erscheinung*] (1970 I: 231).<sup>12</sup> a fábula não pode voar “muito acima do entendimento da maioria dos leitores”.<sup>13</sup>

Garrett, poeta, não traduziu Lessing fabulista: imitou a sua mestria por ver em *Der Knabe und die Schlange* criação de invenção, “de gosto e de engenho”, digna de envergar “alfaias nacionais”.<sup>14</sup>

Compôs “O Menino e a Cobra” em verso livre e com rima, por considerar a poesia forma subida “que se entoa e se canta no coração, antes e muito mais belo que o repita a língua”, espaço-de-génio e de alma nobre, “próprio do falar de homem para Deus” (Garrett, 1963 II:7-8).<sup>15</sup> Defende afinal obra sintone com a harmonia da ideia (1963 I: 488), explorando a “natural suavidade do idioma português” (*Idem, ibidem*)<sup>16</sup> e “certa malícia

através do verso. La Fontaine que sentiu justamente isto em si próprio, culpou a sua língua. Tenho opinião demasiado favorável acerca da minha e creio sobretudo no facto de um génio poder atribuir a forma que quiser à sua língua nata seja ela o que se quiser. Para um génio, as línguas têm todas uma única natureza; e a culpa é afinal única e exclusivamente minha. Jamais a versificação se encontrou de tal maneira em meu poder que tivesse a liberdade de atender ao ascendente desempenhado aqui e ali pela métrica e rima sobre mim. (...)”]

<sup>10</sup> [Lessing, 1970 I: 231 – “Die Erscheinung – (...)” Mir ist keine Musen erschienen. Ich erzähle eine bloße Fabel, aus der du selbst die Lehre gezogen. – “A Aparição – (...)” Não me apareceu musa alguma. Conte uma mera fábula, da qual tu próprio extraístes a lição. (...)”]

<sup>11</sup> [Lessing, 1970 I: 244 – “Die ehne Bildsäule” – (...) “Dieser Klumpen kam einem andern Künstler in die Hände, und durch seine Geschicklichkeit verfertigte er eine neue Bildsäule daraus; von der erstern in dem, was sie vorstellte, unterschieden, an Geschmack und Schönheit aber ihr gleich. (...)” – “A Estátua de Bronze” [Massa informe] Esta veio parar às mãos de outro artista que, com habilidade, deu forma a nova escultura, diversa da primeira, quanto ao que representava, igualando-a contudo, em gosto e beleza.”]

<sup>12</sup> [Lessing, 1970 I: 231 – “Die Erscheinung” (...) “Die Wahrheit braucht die Anmut der Fabel; aber wozu braucht die Fabel die Anmut der Harmonie? (...) genug, wenn die Erfindung des Dichters ist; der Vortrag sei des ungekünstelten Geschichtschreibers, so wie der Sinn des Weltweisen.” – “A Aparição” (...) “A verdade carece do encanto da fábula; mas para que precisa a fábula do encanto da harmonia? (...) Basta quando há engenho no poeta; estilo no historiador sem artifício, tal como sentido no filósofo.”]

<sup>13</sup> [Lessing, 1970 I: 259 – “Die Nachtigal und die Lerche”: “Was soll man zu den Dichtern sagen, die so gern ihren Flug weit über alle Fassung des größten Teiles ihrer Leser nehmen?” (...) – “O Rouxinol, que se dá o Cotovia”: “Que dizer daqueles poetas que tanto gostam de elevar o seu voo muito acima do entendimento da maioria dos seus leitores?” (...)]

<sup>14</sup> “Traduzir livros de artes, ciências é necessário, é indispensável; obras de gosto, de engenho, raras vezes convêm; (...)” (Garrett, 1963 I: 508). Em *Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa* – “VII Época, Segunda Decadência da Língua e Literatura – Galicismos e Traduções”, Garrett, após apreciar as força e valentia, admirável perfeição dos sonetos de Bocage, denuncia a “estocada” letal em que as traduções se consiliam especialmente quando o objecto fosse formado por “obras de gosto e engenho”, porquanto não encerrariam “riqueza para a literatura nacional” (Garrett, 1963 I: 508); igualmente em *Prólogo a Primeiros Versos – Fábulas e Contos* avisa para o perigo “que as imitações dos estrangeiros são perigosas sempre, (...)” (*Idem*, 1665).

<sup>15</sup> No *Prólogo a Flores sem Fruto* – Nov. 1843, vinte e dois anos após ter escrito “O Menino e a Cobra” (1821) – Garrett, confessando-se em “idade de prosa”, relembra nostálgico a loucura do “poeta que eu tinha vergonha de ser!”, cónscio das “ilusões de vida”, “belas de toda a poesia (...) grandes de todas as virtudes que eram no meu coração!”, enaltece “isto porém que nasce espontâneo da alma, que vem, como ejaculação involuntária de dentro, quando transborda o coração de júbilo ou de pena ou de admiração” (Garrett, 1963 II:7-8); corrobora assim a recriação poética a partir da fábula de Lessing – autor cuja identificação não oferece – mas sem perder a fidelidade ao único imutável: “os eternos princípios da verdade, do gosto, e da razão em tudo” como justamente assevera em *prólogo a Primeiros Versos – Fábulas e Contos* (Garrett, 1963 I: 166).

<sup>16</sup> Uma das maiores preocupações de Garrett define-se pelo culto da expressão nacional em cujo idioma e respectiva “natural suavidade” todo o poeta nosso escreveria com tanto maior beleza quanto maior o respeito pelo “aspecto e feições nacionais” (Garrett, 1963 I: 488). Indiscutível afinal a opção pelo verso,



popular", responsáveis pelo seu ajustamento ao apólogo e respectiva crítica social (1963 I: 1665).<sup>17</sup> Além do mais, também este apólogo ilustraria a resistência liberal mantida por Garrett no respeito pelos ideais da "causa do povo" (Braga, s/d V: 111-5).<sup>18</sup>

Quando escolhe "menino ou criancinha" em vez de "rapaz" ou opta por "ingratona ou serpentessa" tal dever-se-á ao respeito devido às "fábulas dos animais contadas em prosa pelas gentes do campo e aos modos de dizer do povo" (Garrett, 1963 I: 1665-6) e à relação fiel entre literatura, país e respectivas "usanças" (1963 I: 510-12). Se, apenas em Garrett, se verificam epítetos como "refalsado" (veneno), "santinho" (homem) ou exclamações "Vae e zaz!", características da fúria e indignação do menino, tal decorrerá da mestria poética do romântico, ao saber verter o modo vivo, natural e verosímil de "caso peculiar" exemplificativo do fundamento teórico de Lessing – o que aliás o escritor e liberal soube potenciar através das suas sensibilidades moral e poética quer individuais quer nacionais.

Enalteceu eloquentemente verdade e moral profundas, a natureza e a verdade (Garrett, 1963 I: 940)<sup>19</sup> erigidas sobre a "liberdade e o coração", porque "(...) a eloquência do homem livre é a linguagem do coração (...)" como escreve na "Oração Fúnebre de Manuel Fernandes Tomás pelo sócio J. B. da S. Leitão d'Almeida Garrett lida a 27 de Nov. de 1822 em sessão extraordinária da Sociedade Literária Patriótica" (Garrett, 1963 I: 946); rejeita afinal versificação mecânica, por reconhecer à linguagem do homem livre a simplicidade e singeleza da natureza, a musicalidade (Garrett, 1963 I: 946; 507).<sup>20</sup>

Honra (Ehre), reconhecimento (Erkenntlichkeit), ingratidão (Undank), humanidade (Menschheit), magnânimo (Wohltäter) na versão alemã acontecem em Garrett como singularidades do pai ("honradamente") (Garrett, 1963 I: 1687) ou de qualquer ("injusto como ninguém") (Idem, ibidem); também a razão surge como personificação (Idem, ibidem); incisivo e categórico, Lessing constrói programaticamente o leitor enquanto Garrett, interrogando (Idem, ibidem), personificando (Idem, ibidem), personalizando (Idem, ibidem),

a rejeição da prosa original em Esopo e/ou Lessing. Compreensível não se recordar do mentor germânico: "É imitação esta fábula de uma composição alemã do século passado, não me lembra de que autor." (Garrett, 1963 I: 1708)

<sup>17</sup> Em prólogo a *Primeiros Versos Fábulas e Contos*, Garrett tão pouco questiona sequer ser a língua portuguesa "para todo o género de composições" uma vez que "a singeleza do seu dizer" a tornaria "eminente e própria para o Apólogo e para o Conto" (Garrett, 1963 I: 1665).

<sup>18</sup> Apesar da revolução de 1820 lhe ter alimentado a esperança "num renascimento pátrio em especial no domínio da cultura" (Coelho, 1982: 364), tal não impediu que emigrasse "para o Havre acompanhado de sua mulher" e voltasse logo em 23 de Agosto de 1822 para ser obrigado a sair, tal a perseguição de que foi alvo pela Intendência Geral da Polícia que "houve por bem considerá-lo perigoso para a Ordem Pública [o que] obrigou-o a abandonar a Pátria;" (Braga, s/d V: 114); Teófilo Braga registra no V volume da sua *História da Literatura Portuguesa*: "No Prólogo das *Fábulas e Folhas Caidas* escreveu o poeta: 'A causa do povo é traída, abandonada [...], ele não o abandona; prefere o exílio, e em terra estrangeira o ouvimos cantar as suas imprecações, as suas saudades e a constância do autor de Catão.'" (P.XVII.) (Braga s/d V: 114-5) – eis reconhecida a consciência com que o liberal trabalha a palavra poética em função de ideário potenciador da independência e autenticidade dos valores nacionais, corroborando assim a força que Lessing acometia ao discurso literário moderno, no qual inscrevia a sua fábula.

<sup>19</sup> Em "Portugal na Balança da Europa – Do que Tem Sido e do que ora lhe Convém Ser na Nova Ordem de Coisas do Mundo Civilizado": "Garantias da Constituição – Reformas, etc.", Garrett assevera o valor de "reformas e melhoramentos": "instrução pública, (...) protecção ao comércio, emancipação da indústria" entre outros como via para realização da Constituição, da liberdade, da independência nacional e do bem para o povo; a sua prática literária exprimi-lo-á tão singularmente (Garrett, 1963 I: 940).

<sup>20</sup> Criticando a medida cheia e boa, mas musicalmente insuportável de Bocage, Garrett distingue a poesia das outras belas-arts pela superioridade conseguida sempre que imita pela voz a "harmonia íntima da ideia" e supre "a vida, o momento, as cores, as formas dos quadros naturais" através de "vibrações que só podem ferir a alma pelo órgão dos ouvidos" (Garrett, 1963 I: 507).

metaforizando (Idem, ibidem), interpela-o de forma diversa, consolidando o seu comprometimento (Buescu, 2001:92;98).

Ambos reservam ao leitor o reassumir-se Humanidade moderna e reformadora da respectiva época. Tal como Lessing, Garrett prescinde de destacado epíteto, pugnando, enquanto Irmão da Sociedade dos Jardineiros (Coelho, 1976:108) por "dar vida ao sentimento nacional (...)" e criar a forma nova de literatura em um povo quase que posto de fora da corrente da civilização" (Braga, 1986 VI:27).

Firma-se na defesa da "liberdade natural do homem e em sua igualdade legal" (Garrett, 1963 I:930) contra o "pessimismo antropológico" e visão cíclica da história de conservadores da monarquia absolutista como J. Acúrcio das Neves (Mesquita 2006: 327;313).

Lessing fabulista ressurgiu, em pleno século XXI, quando a editora Planeta publica a tradução dos seus três livros de fábulas no primeiro ano do novo milénio. Na contracapa desta edição refere-se: "Todos nós recordamos terem-nos lido fábulas que aprendemos a recitar. Fábulas de Lessing, não!"

Na verdade, do século XIX chega-nos La Fontaine: "cerca de 15 edições entre traduções e versões mais ou menos livres" (Bastos, 1997:24); fabulista a traduzir, quase só La Fontaine – via Bocage (1765-1805), Filinto Elisio (1734-1819), Curvo Semedo (1766-1838), João de Deus (1830-1896), Teófilo Braga (1843-1924), Castilho (1800-1875), apesar de outros fabulistas como Lessing e Iriarte figurarem também como autores traduzidos.<sup>21</sup>

Porque dever-se-á tal ao facto de – assim J. F. Pereira – "(...) Lessing é às vezes difícil de entender, isto não provém da obscuridade de expressão, mas da concisão do estylo e da omissão de pensamentos intermédios." (Pereira, 1853:15).

Na verdade, recupera a prosa curta de Esopo e assediando o leitor constantemente com:

1. a intertextualidade, pois indica Esopo e Fedro (II Livro=26), Eliano (I Livro=8; II Livro=9) como seus mentores,
2. o diálogo, pois o narrador surge discreto (I: n.º 2, 3, 5, 6, 10, 23, 26, 27; II: n.º 8, 18, 26, 28; III: n.º 7, 8, 9, 13, 16, 17, 18,19, 20, 21, 22 entre outras) e
3. a caracterização de personagens, dos tempo e espaço através das respectivas falas e enquadramento sumário e síncrone (I: n.º 1, 4, 7, 9,14,15,16,17; II: n.º 1, 6, 15, 23; III: n.º 1, 3, 4, 16 entre outras).

Na fábula de Lessing, o narrador, relator omnisciente, associado à exígua focalização externa e propiciando a frequente representação em *showing*, atesta soberanamente a verdade sempre válida e indissociável da verosimilhança indispensável à *mimesis*; aprofunda a interacção descontinua entre o real histórico e ficcional e inova ao distanciar-se de um registro alegórico: as personagens não correspondem ao valor tipo transmitidos pela tradição. Consequentemente, a liberdade poética passa a decidir a mudança no universo moral e político, sem que ao leitor sejam expressamente designados modelos morais de assimilação imediata. As cenas enquadrantes da acção estimulam em vez disso a tomada de conhecimento por evidência (*anschauende Erkenntnis*), recuperando o leitor

<sup>21</sup> Do século XIX surge respectivo culto da fábula com *Tradução das melhores Fábulas de La Fontaine* (1820) [por Curvo Semedo ou *Apólogos* (1820) de J. Vicente Pimentel Maldonado (1773-1836) entre outros como Augusto Luso da Silva (1827-1902) (Coelho, 1982:323-4)] que se continua no seguinte; La Fontaine é reeditado na tradução do século XIX por editoras como Minerva e Europa-América; as edições Verbo publicam (1992) versão de algumas fábulas de La Fontaine criada agora pela escritora Esther de Lemos.



o “amor da virtude pela virtude” por aceder assim ao pleno esclarecimento e à pureza do coração – tão estimados por Lessing no 80.º § de *Erziehung des Menschengeschlechts*.<sup>22</sup> Lessing renasce afinal em pleno século XXI acompanhado de estudo em prefácio e introdução; pretendendo-se com a referida sinopse assinalar humilde tentativa para tornar a sua prática literária *menos difícil* (Pereira, 1853:15) ao entendimento do leitor português do século XXI justamente por via do estudo comprovado quer da sua teorização sobre a fábula quer da sua originalidade.

### III.

No quarto ano deste novo milénio, Lessing ressurgue com maiores discrição e interesse!<sup>23</sup>

A editora Caminho publica *Fábulas* seleccionadas e apresentadas por Glória Bastos e ilustrações de Geraldo Valério.

Nesta obra com cerca de 176 páginas, surgem 87 fábulas coligidas a partir de *Fabulário* da autoria de Henrique O'Neill (1821-1889).<sup>24</sup>

O'Neill recupera as fábulas n.º:

- 3,10,11,14,15,17,18,21, 27 [9] do Livro I,
- 4,14, 25, 27 [4] do Livro II e
- 1, 4, 5, 6, 15, 25, 27, 30 [8]

do Livro III de entre os três Livros de *Fábulas* de Lessing, o qual acaba por estar tacitamente representado a 24%, neste cuidado volume publicado há cinco anos, no qual se assinalam ca.30%, ca.13,3% e ca.26,5% dos Livros I, II e III respectivamente da autoria de Lessing.

Quinze, destas 21 (ca.71%) são criação do próprio Lessing, fazendo jus às suas capacidades heurísticas, ao contrário das restantes seis, nas quais o próprio refere as influências de Esopo: - “O Lobo Moribundo” (O'Neill, 2004: 32); “O Busto e a Raposa” (2004: 84); “O Espinheiro” (2004: 134) e de Eliano: “A Lebre” (2004: 28); “A Ovelha e o Passarinho” (2004: 52); “O Avestruz” (2004: 67-8).

A compiladora reconhece igualmente não serem todas estas oitenta e sete fábulas de “compreensão fácil e imediata sobretudo para os mais novos”, aconselhando a “presença e a mediação do adulto”, porque “fundamental” (O'Neill, 2004: 14), concordando sobremodo com as razões que terão também seguramente levado a comissão do *Plano Nacional de Leitura* a integrar tal obra no acervo das aconselhadas e distinguidas com o selo *Ler*<sup>25</sup>, apesar de a “(...) severa moralidade que resulta de todas elas é suavemente

<sup>22</sup> “Er will schlechterdings an geistigen Gegenständen geübt sein, wenn er zu seiner völligen Aufklärung gelangen, und diejenige Reinigkeit des Herzens hervorbringen soll, die uns, die Tugend um ihrer selbst willen zu lieben, fähig macht.” I “(o entendimento) Pretende simplesmente ser exercitado nos assuntos do espírito sempre que tem de alcançar o seu esclarecimento cabal e gerar aquela pureza do coração que nos faz capazes de amar a virtude por amor à virtude.” (Lessing, 1979 VIII: 507).

<sup>23</sup> Das noventa publicadas por Lessing em *Fábulas* (1759), O'Neill traduziu em prosa 23 do I, 21 do II e 25 do III Livros, adaptando as mesmas em verso. Em *Fabulário*, apenas manteve cinquenta que adaptou ao verso de oito sílabas ilustrando e dando assim o exemplo ao “povo [povo=homem (O'Neill 1888: 704)] português” modo de inventar tão caro a Lessing.

<sup>24</sup> 1.º Visconde de Santa Mónica (por decreto de 2 de XII de 1876 assinado pelo Rei D. Luís I), Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Director Geral Honorário dos Negócios da Justiça, do Conselho de Sua Majestade, preceptor aposentado de suas Altezas, Veador Honorário de sua Majestade a Rainha, Ajudante do Conselheiro Procurador Geral da Corôa e Fazenda (O'Neill, 1888: frontispício).

<sup>25</sup> Distinguida pelo Plano Nacional de Leitura, o qual “Constitui uma resposta institucional à preocupação pelos níveis de literacia da população em geral e, em particular, dos jovens, significativamente inferiores à média europeia.” (<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/pnliv/apresentacao.php?idDoc=2>)

temperada com facilidade da versificação e a graça do estylo, sempre desafectado, sempre natural.” – já sublinhadas por A. Telles de Utra Machado em artigo crítico à 2.ª edição da obra *In Memoriam* de H. O'Neill (1888a: XVI). O valor da obra de O'Neill, ainda segundo Utra Machado, advém de este a considerar “cópia de ideias sãs e práticas destinadas a concorrer para a educação da mocidade e a servir de memento às outras edades mais adeantadas” (O'Neill, 1888:XVI).

Da lavra do sócio da Academia Real das Ciências que privou com Herculano (1810-1877) e Castilho (1800-1875) entre outros, cerca de um terço das trezentas e sessenta e seis publicadas na matriz *Fabulário* em cujo “Prólogo à 1.ª edição”, esgotada pelas ofertas, o próprio H. O'Neill confessa ter ido “(...) buscar as restantes a Esopo e Fedro, La Fontaine e Lessing entre outros, vestindo-as (...) quanto pude, à moderna tirando d'ellas, não poucas vezes, moralidade diversa da que tiraram outros, por me parecer mais conforme com o presente estado social” (O'Neill, 1888: XVI); cónscio do uso em prosa feito por Lessing, declara preferir adaptá-lo ao verso por considerá-lo “verdadeiro filósofo e observador verdadeiro” (*Idem, ibidem*) enquanto guarda La Fontaine como “narrador incomparável [que] bordou a tela sem se importar com a verdade d'ellas, nem ainda por vezes com a dos mimosos atavios de que as adornava” (O'Neill, 1888: XVII). Compôs por isso em “verso de oito sílabas por se accommodar melhor ao estylo familiar” (*Idem, ibidem*) e visou um auditório vasto e em mudança de paradigma: “A leitura de tão interessante collecção é não somente proveitosa para a infancia, mas também util e agradável em geral para os amigos das letras, ainda os que se acham em propecta idade.”, segundo as palavras do Conselheiro A.J. Viale (1806-1889) em carta datada de 30 de Junho de 1886 e publicada na referida obra (O'Neill, 1888: IX) – “dedicada e oferecida a Sua Alteza Real o Principe D. Carlos (...) e destinado[a] à educação dos filhos do Povo Portuguez (...)” (1888: VI).

“Riquíssimo thesouro de doutrina contra erros e desvarios da sociedade (...) do nosso tempo é (...) palpitante (...) de actualidade (...)” nas palavras de outro conselheiro, Dr. F.A. Rodrigues de Azevedo (O'Neill, 1888: X-XI), – também amigo de O'Neill –, por nele se constatar justamente o valor dos *exemplos* seleccionados vertidos em “linguagem fluente, correcta, elegante, própria (...) e eminentemente popular” (1888: XI), na qual não faltam os anexins para colorir “vos petits drames (...) [a] la morale, qui est présentée par vous d'une façon toujours claire, et où la finesse de l'expression en remonterait aux plus délicats.” – assim escreve insigne francês estudioso e amigo da literatura portuguesa e brasileira de nome Ferdinand Denis (1798-1890) em carta endereçada de Paris a 16 de Agosto de 1886 e transcrita por O'Neill nesta segunda edição do seu *Fabulário* matricial (1888: XII).

Mérito de Glória Bastos por logo nas primeiras seis, nas quais se perscrute a influência de Lessing: “O Leão e a Lebre”, “O Carvalho”, “O Lobo Moribundo”, “O Galo e o Pavão”, “A Ovelha e o Passarinho” e “O Grilo e o Rouxinol”, poderemos anotar ter O'Neill observado a “lição”, fazendo-a brotar discretamente do diálogo entre personagens, mais propriamente da sua última fala; em plena *cena*, no cerne do “caso peculiar”, o leitor retém o *ponto* da questão e entende pelo valor da *concisão* quanto a moral surge em *evidência* – tal qual Lessing demonstrou e praticou.<sup>26</sup>

Por vezes os títulos constituem-se logo adaptação dos escolhidos por Lessing, como sucede com:

<sup>26</sup> No Prólogo à 1.ª edição de *Fabulário*, O'Neill atesta singular-evidente origem da fábula considerando-a “paráfrase de dictados que, muitas vezes, até vêm expressos na respectiva moralidade.” (O'Neill I, 1888:XV); por isso atribui um terço das trezentas e sessenta e seis ao tratamento de “assumptos que ainda não foram apresentados (...) debaixo desta forma.” (O'Neill, 1888: XV-XVI).



"O Lobo Moribundo" [*Der Wolf auf dem Todbett* – "O Lobo no Leito de Morte"]  
 "O Arco" [*Der Besitzer des Bogens* – "O Dono do Arco"]  
 "A Ovelha e o Passarinho" [*Das Schaf und die Schwalbe* – "A Ovelha e a Andorinha"]  
 "O Corvo e a Águia" [*Der Rabe* – "O Corvo"]  
 "O Porco e o Carvalho" [*Die Eiche und das Schwein* – "O Carvalho e o Porco"]  
 "Os Dotes das Fadas" [*Das Geschenk der Feien* – "O Presente das Fadas"]  
 "O Milhafre e o Rouxinol" [*Die Nachtigall und der Habicht* – "O Rouxinol e o Açor"]  
 "O Busto e a Raposa" [*Der Fuchs und die Larve* – "A Raposa e a Máscara"]<sup>27</sup>

O'Neill, raramente opta por personagens diferentes das utilizadas por Lessing, como acontece em "O Carvalho", ao preferir rato a raposa para realçar talvez a diferença abissal constatada pelo pequeno ao deslumbrar-se com a árvore gigante; algo semelhante acontece em "A Ovelha e o Passarinho" – em vez de andorinha O'Neill preferiu diminutivo de pássaro.

O quase sempre discreto, mas incisivo, narrador em Lessing figura em O'Neill já assertivo, arrogando-se a responsabilidade clara de:

1. encenar como por exemplo em "O Pastor e o Rouxinol" e "O Milhafre e o Rouxinol" (O'Neill, 2004: 85, 78-81),
2. introduzir e/ou concluir como por exemplo em "O Grilo e o Rouxinol" e "O Ganso" (2004: 81,101),
3. enunciar sentença consentânea com o exemplo em promítio e/ou epímítio como por exemplo em "O Busto e a Raposa", "Os Pardais", "O Toiro e o Veado", "O Espinheiro" (2004: 84,124,139,134) e
4. interpelar directa e/ou tacitamente o narratário como em "O Ganso" e "A Águia" (2004: 101,90).

Ao optar pelo verso de oito sílabas com rima, O'Neill denota apreço pelo tipo de leitor português, a quem quis chegasse gratuitamente, assim como outras suas, esta cujo estilo integra ríthmos como em "O Galo e o Pavão"<sup>28</sup> ou termos e expressões populares como em "Os Pardais";<sup>29</sup> e "uma agoirenta corvada" em "O Corvo e a Águia" (2004: 59). Se dúvidas houvesse, dissipar-se-iam relativamente ao seu apreço pela cultura popular portuguesa.<sup>30</sup>

<sup>27</sup> Transcrevemos entre | | títulos de Lessing e tradução dos títulos atribuídos na nossa versão de *Fábulas* de Lessing (2001) e agora, das mesmas fábulas, os respectivos títulos atribuídos por J.F.Pereira: "O Lobo no Leito de Morte"; "O Possuidor do Arco"; "A Ovelha e a Andorinha"; "O Corvo"; "O Carvalho e o Porco"; "O Presente das Fadas"; "O Rouxinol e o Abutre"; "A Raposa e a Máscara" (1853); constata-se em que medida também este facto corroborará a versão O'Neill como sendo adaptação mais que tradução.

<sup>28</sup> "O Galo e o Pavão": "(...) – uns os figos vão comendo/ Aos outros rebenta a boca." (O'Neill, 2004:39).

<sup>29</sup> "Os Pardais": "(...) – Fizeram obra bonita! / Limpem as mãos à parede (...)" (O'Neill, 2004:123).

<sup>30</sup> Em nota à fábula n.º 302, O'Neill descobre as raízes da autoridade de um autor: verdade e razão; remete o critério de verdade para a natureza, alegando que "a Poesia não pode ser falsa e ainda menos absurda" em virtude de criar "senão monstruosidades ou disparates." (O'Neill, 1888: 746); situa o seu fabulário em dimensão pedagógico-funcional, colocando a fábula não como espécie literária, mas como veículo edificante na sua vertente exclusivamente educacional ou, como diria na sua versão de "O Rouxinol e a Coróvia" (original em Lessing): "Prosadores e poetas/ (...) sem um fixo pensamento, / Sem norte sem luz correis/ (...) O que vos hei-de dizer, (...)" (O'Neill, 1883: 120), precisamente por o seu próprio designio se confundir com o "melhorar começando pela moralidade pública" evitando "as mudanças repentinas (...)" sem revolução e a bem de todos.", como refere em nota à fábula n.º 345 (O'Neill, 1888:740).

Na fábula "Os Pardais", denuncia apesar de tudo a ingratidão – "Assim mil vezes procede. / (...) Deste mundo a pardalada" – à qual Lessing jamais associa estas personagens, ao fazê-las depararem-se com igreja para si inutilmente reconstruída e de uso prejudicial para si próprias (Lessing, 2001: 67-8). Desvio resultante talvez da preocupação segura, segundo a qual a fábula teria de educar, edificar o carácter daquele que retratado tanto mais proficientemente aproveitaria da lição quanto mais o epímítio fosse ressoando em fresca memória com as suas mais carismáticas sentenças, expressão da justiça essencial ao bom senso elementar<sup>31</sup> tal como acontece nas versões de "O Avestruz",<sup>32</sup> "O Porco e o Carvalho", "O Busto e a Raposa", "O Ganso".<sup>33</sup> Após apresentação de dados de experiência universal, O'Neill conclui parecendo a sentença, em verso rimado e ao gosto do entendimento popular, soçobrar face à alegoria como em "O Corvo e a Águia".<sup>34</sup> Sabe porém quanto a analogia<sup>35</sup> e competência respectiva em qualquer se recolhe ao valor filosófico, também defendido por Lessing logo na sua primeira e paradigmática fábula do seu I Livro intitulada "A Aparição" (Lessing, 2001: 59); enriquece assim o seu tesouro de quadros-de-costumes com sentenças lapidárias como em "A Águia".<sup>36</sup>

Advertir, deleitar, edificar: continua sendo objectivo do fabulista O'Neill sem desdenhar o imitar nobre do antigo e apreciado Lessing – autor de língua alemã estudada também por O'Neill que na Universidade de Göttingen/Gotinga ensinou português –, trabalhando humildemente o apotegma para que as mais das vezes pudesse ser tomado e aplicado com naturalidade como ilustra a sua original "O Mestre de Dança",<sup>37</sup> sem descurar exortar concomitante – tal como Lessing em "O Macaco e a Raposa": "(...) Escritores do meu país! (...)" (Lessing, 2001 :63) – à consciência e à vontade do seu Portugal como Nação:

<sup>31</sup> Surge agora – 2010 – pertinente, porque sensato relê-lo em nota à fábula n.º 306 (outra adaptação de original em Lessing): "Quanto mais um povo é civilizado, tanto menos carece de ser governado." (O'Neill, 1888: 729) ou na sua própria versão poética "(...) Antes um tosco madeiro / Que represente de rei / do que um sábio, um guerreiro, / Cujas vontades é a lei: / É o governo melhor / O menos governador." (1888: 512); em elucidativo exemplo, O'Neill lega – em plena conturbação social pré *Ultimatum* – conselho avisado pela fábula n.º 315 "O Rebanho": "(...) Povo, se governar queres / Ou antes, desejas ser / Com justiça governado, / (Pois tudo o mais é baldado) / Deves tratar de aprender / Os direitos e os deveres / (De ordinário desprezados) / Dos homens livres e honrados." (1888:356)

<sup>32</sup> "O Avestruz": "(...) Quem nasceu só para andar / Ou que mal pode voar, / Não se meta a voador; / Vá andando que é melhor." (O'Neill, 2004:69).

<sup>33</sup> "O Porco e o Carvalho": "(...) Quantos há que buscam dar, / Afectando caridade / O que não podem guardar!" (2004: 70); "O Busto e a Raposa": "(...) Quanto busto que eu conheço, / Por muita gente é gabado, / Sendo de gesso e bem oco!" (O'Neill, 2004:84); "O Ganso": "(...) Quantos cisnes não tens visto / Que não passam disto?" (O'Neill, 2004:101).

<sup>34</sup> "O Corvo e a Águia": "(...) Pilriteiros dão pilritos, / Frutos muito pequenitos, / E de todos desprezados; / Nem adubos nem cuidados / Lhes fazem dar boa fruta: Contra a raça não se luta." (O'Neill, 2004:59).

<sup>35</sup> O respeito atento pelo pensar e falar do povo português – que o leva a incorporar termos de uso popular – (como refere em nota à fábula n.º 259) "este chorinho não é meu; inventou-o o povo (...). Não o encontro em dicionário algum, mas como serve e se entende e não é indecente, aproveitei-o" (O'Neill, 1888: 714) – vai de par com a equivalente veneração da experiência [no encaço do seu mentor germânico] "cadinho" de "verdadeira ciência" (como em nota à fáb. n.º 282) (O'Neill, 1888:722). Reconhece em suma a essência das demais inspirações que "quando sérias vêm a espíritos synthetics e nascem de factos anteriores e bem comprovados. Não se adivinha." (*Idem*: 722)

<sup>36</sup> "A Águia": "(...) Os resultados se esperem / Como for a educação." (O'Neill, 2004: 90).

<sup>37</sup> "O Mestre de Dança": "(...) Cada qual é obrigado / A acrescentar o herdado." (O'Neill, 2004: 158).



"O Chaparral"  
 (...)
 Assim devemos fazer  
 Quanto ao nosso Portugal;  
 Cada qual,  
 Pelos modos que puder,  
 Defenda-o com heroísmo  
 Contra todo o despotismo.  
 Eu grito pois mais não posso:  
 - Este chaparral é nosso!"  
 (2004:165)

(Nota: todas as traduções: nossas)

## Bibliografia

### Primária:

- Esopo (1997), *Fables*, s/l, Arléa.  
 Firmino, N. (1943), *Fábulas de Fedro*, Lisboa, Académica de D. Filipa.  
 Garrett, Almeida (1963), *Obras de Almeida Garrett*, 2 vols., Porto, Lello & Irmão.  
 La Fontaine (s/d.), *Fábulas de La Fontaine* (ilustradas por G. Doré; prefácio de Pinheiro Chagas e de Teófilo Braga, traduções de Filinto Elisio e de Curvo Semedo), Mem Martins, Europa-América.  
 — (1973), *Fábulas*, (traduzidas ou adaptadas por poetas portugueses e brasileiros do século XIX com estudo crítico de T.Braga; edição revista e anotada por Cabral do Nascimento), Lisboa, Minerva.  
 Lemos, E. (1992), *Fábulas de La Fontaine*, Lisboa, Verbo.  
 Lessing, G.E. (2001), *Fábulas* (tradução, prefácio introdução e notas de Fernando Ribeiro), Lisboa, Planeta.  
 — (1970-79), *Werke* (org. K.Guthke), 8 vols., Munique, Carl Hanser Verlag.  
 — (1883), *Fábulas*, (traduzidas literariamente em prosa e imitadas em verso por Henrique O'Neill), Lisboa, Livraria Ferreira.  
 — (1853), *Fábulas* (traduzidas do alemão por João Félix Pereira), Lisboa, Imprensa de F. Xavier de Souza.  
 O'Neill, H. (2004), *Fábulas* (selecção e apresentação de Glória Bastos e ilustrações de Geraldo Valério), Lisboa, Caminho.  
 — (1888) *Fabulário*, Lisboa, Livraria Ferreira.  
 — (1888a) *In Memoriam*, Lisboa, Typographia da Academia Real das Ciências.

### Secundária:

- Bastos, G. (1997), *A Escrita para as Crianças em Portugal no Século XIX*, Lisboa, Caminho.  
 Braga, Teófilo (s/d), *História da Literatura Portuguesa*, V Vol., Mem-Martins, Europa-América.  
 — (1986), *História da Literatura Portuguesa*, VI Vol., Mem-Martins, Europa-América.  
 Buescu, Helena (2001), *Chiaroscuro – Modernidade e Literatura*, Porto, Campo das Letras.  
 Coelho, J. Prado (1982) (org.), *Dicionário de Literatura*, II Vol., Porto, Figueirinhas.

- (1976), *Ao Contrário de Penélope*, Lisboa, Bertrand.  
*Colóquio Letras*, Lisboa, n.º 153-4 Julho-Dezembro, Lisboa.  
 Marques, A H Oliveira (2001), *Breve História de Portugal*, Lisboa, Presença.  
 Mesquita, A P. (2006), *O Pensamento Político Português no Século XIX*, Lisboa, INCM.  
 Monteiro, O. P. (1999), "Exercícios de Humor: 'Os Contos' e 'Fábulas' em verso de Garrett", *Colóquio Letras*, Lisboa, n.º 153-4 Julho-Dezembro, Lisboa, 141-168.  
 Pereira, L., (2007) *A Fábula em Portugal – Contributos para a História e Caracterização da Fábula Literária*, Porto, Profedições.  
 Ribeiro, F. (2007), "Introdução", in: Lessing, G.E., (2001), *Fábulas*, (tradução, prefácio introdução e notas de Fernando Ribeiro), Lisboa, Planeta, 15-56.  
<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/pnlv/apresentacao.php?idDoc=2>